

RELATO DE EXPERIÊNCIAS EM DUAS ATIVIDADES DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E PROFESSORES EM ARQUEOLOGIA: PLANEJAMENTO, REALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO



Leonardo Waisman de Azevedo

*Mestre em Arqueologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Arqueólogo do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Rio de Janeiro, Brasil

e-mail leonardowa@mn.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0003-1564-4709>

Rita Scheel-Ybert

Doutora em Biologia de Populações e Ecologia pela Université Montpellier II

*Professora associada do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, Universidade Federal do
Rio de Janeiro*

Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: scheelybert@mn.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-9428-9348>

RESUMO

No Brasil, existe uma grande lacuna na formação de professoras e professores sobre Arqueologia, e os materiais didáticos disponíveis tratam o tema de forma simplificada. Visando contribuir para superar essa situação, realizamos dois cursos de formação em temáticas de Arqueologia Brasileira. O presente artigo apresenta o processo de organização desses cursos, relatando todas as etapas das atividades, do planejamento à execução: contextos, definição de equipe, definição de público-alvo, formato, escolha dos currículos, inscrição e seleção de cursistas e realização das atividades. Apresenta ainda uma caracterização de professoras, professores e estudantes de licenciaturas interessados em utilizar temas de Arqueologia em suas aulas: um público composto por indivíduos de todas as fases da carreira do magistério, instruídos nas mais variadas áreas do conhecimento, que lecionam em todas as redes e etapas de ensino do país. Esses profissionais possuem pouco acesso à Arqueologia, mas reconhecem na disciplina grande contribuição para suas práticas docentes.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professoras e professores, Arqueologia, Extensão Universitária, Relato de Experiência



ABSTRACT

In Brazil, there is a considerable lack in the education and training of teachers in the field of Archaeology, and the available teaching materials address the topic in a simplified manner. In order to contribute to overcoming this situation, we have conducted two training courses on topics related to Brazilian Archaeology. This article presents the process of organizing these courses, providing an overview of all stages of activities, from planning to execution: contexts, team, audience, delivery format, curricula, registration and selection of course participants, and implementation. It also provides a characterization of teachers and students interested in using Archaeology themes in their classes: an audience comprising individuals from all stages of the teaching career, instructed in various knowledge areas, who teach in all school networks and stages in Brazil. These professionals have limited access to Archaeology, but recognize its significant contribution to their teaching practices.

KEYWORDS: Teacher training, Archaeology, University Extension, Experience Report

RESUMEN

En Brasil, existe una notable carencia en la formación y capacitación de los docentes en el campo de la Arqueología, y en los materiales didácticos disponibles que abordan el tema de manera simplificada. Con el objetivo de contribuir a superar esta situación, hemos realizado dos cursos de formación sobre temas relacionados con la Arqueología Brasileña. Este artículo, presenta el proceso de organización de estos cursos, desde la planificación hasta la ejecución: contextos, definición de equipos, definición de público, formato, selección de currículos, inscripción y selección de participantes y su realización. También presenta una caracterización de profesoras, profesores y estudiantes de licenciatura interesados en utilizar temas de Arqueología en sus clases: un público compuesto por individuos en todas las etapas de su carrera docente, de diversas áreas del conocimiento, que enseñan en todas las redes educativas a todos los niveles en Brasil. Estos profesionales tienen poco acceso a la Arqueología, pero reconocen que la disciplina hace un gran aporte a sus prácticas docentes.

PALABRAS CLAVE: Formación de profesoras y profesores, Arqueología, Extensión Universitaria, Informe de Experiencia



Introdução

O ensino escolar brasileiro busca integrar à sala de aula temáticas relacionadas à diversidade cultural no passado do país. Nesse quesito vale ressaltar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL 1996) que trata de forma geral do assunto, e a Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008 (BRASIL 2008) que torna obrigatório o ensino de Histórias indígenas e afro-brasileiras. Assim como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL 2017), que demanda a presença dessas temáticas em sala de aula.

Há aí um espaço para a Arqueologia, que em suas pesquisas aborda diretamente o passado e a materialidade desses povos. Mas a disciplina ainda não possui trânsito intenso com a Educação, deixando de contribuir em muitos aspectos em que poderia para tratar dessas temáticas (AZEVEDO & SCHEEL-YBERT, 2021; submetido). Do lado da Educação, professoras e professores têm uma grande lacuna na formação sobre Arqueologia (ALMEIDA 2002), e os materiais didáticos de que dispõe tratam o tema de forma simplificada (LIMA E SILVA 1999; SOARES et al 2013; VASCONCELLOS, 1994; VASCONCELLOS et al 2000).

Como parte de uma proposta para superar essa situação (e.g. AZEVEDO & SCHEEL-YBERT 2021; submetido), realizamos dois cursos de formação de professoras e professores em temáticas de Arqueologia Brasileira. Apresentamos aqui um relato dessas experiências, focando nas etapas de planejamento e realização das atividades. Apresentamos também uma caracterização profissional do público de cursistas. O registro desses dados é importante para o histórico das atividades, para permitir sua replicação, e para que suas informações possam ser incorporadas em pesquisas e cursos sobre o tema no futuro.

Relato de Experiências: cursos de formação de professoras e professores em Arqueologia

Contexto

Dois cursos foram organizados pelo Laboratório de Arqueobotânica e Paisagem (LAP) do Museu Nacional (MN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), como parte da tese de doutoramento do primeiro autor do presente artigo. Ambos foram cadastrados como ações de Extensão Universitária na Instituição, sob sua responsabilidade, nesse contexto integrando o programa de extensão “Conhecendo nosso passado: Formação e Educação em Arqueologia e Arqueobotânica” coordenado pela segunda autora, o projeto de extensão “Arqueologia Viva:



passado, presente e futuro no Museu Nacional”, coordenado por Taís Capucho, e o projeto homônimo da Chamada MCTIC/CNPq No 05/2019 – Programa Ciência Na Escola, processo nº: 440724/2019-8, também coordenado pela segunda autora. O primeiro curso chamou-se “Arqueologia do Rio de Janeiro”, e foi realizado em 2021 (AZEVEDO et al 2021). O segundo, “Arqueologia Brasileira para professores: ciência, transdisciplinaridade e práticas de ensino”, foi realizado em 2022 (AZEVEDO et al 2022).

As atividades foram planejadas, divulgadas e realizadas durante a pandemia da COVID-19. Sua organização foi iniciada ainda em 2020, continuando em 2021 e 2022, anos em que foram realizadas. Seu formato e público foram planejados para esse contexto, utilizando ferramentas e plataformas virtuais, buscando atingir o maior número possível de cursistas com práticas efetivas em um modelo de ensino remoto, com uma carga horária adequada e distribuída uniformemente na duração total. As atividades foram organizadas para permitir flexibilidade no acompanhamento e na execução de tarefas, principalmente por esses momentos terem sido marcados por uma intensa sobrecarga de trabalho para professoras, professores e estudantes em frente ao computador. Tínhamos em mente que os cursos que propúnhamos precisavam encontrar espaço nas rotinas dos cursistas dentro desses contextos. Sua efetividade dependia disso.

Público-alvo

As atividades foram voltadas a professores e professoras, profissionais e em formação.

O primeiro curso foi aberto para o Estado do Rio de Janeiro, e no segundo esse grupo foi ampliado para todo o Brasil. O formato remoto motivado pelo contexto da pandemia da COVID-19 foi um propulsor para essa ampliação, permitindo a participação de públicos de muito mais regiões do que se estivéssemos limitados a proximidade geográfica da Instituição promotora.

Equipe

A definição da equipe dos cursos foi uma escolha baseada nas necessidades previstas para as atividades. Desde o primeiro momento consideramos esse um elemento essencial para sua realização. Em primeiro lugar, porque era necessário reunir profissionais capacitados para lecionar sobre os temas de Arqueologia. Em segundo, porque era necessário que esses fossem interessados na formação de professoras e professores. E em terceiro, porque era necessário termos uma equipe capacitada para organizar um ambiente de ensino funcional de formato remoto.



Para isso, contamos com uma equipe fixa, uma professora convidada e com a monitoria de estudantes:

A equipe fixa foi composta por Leonardo Waisman de Azevedo (coordenador), Rita Scheel-Ybert, Taís Capucho e Rúbia Patzlaff, responsáveis pelo planejamento e realização das atividades, atuando em todas as etapas do processo, na organização, divulgação e realização.

A professora convidada MaDu Gaspar (palestrante) atuou na etapa de realização do curso “Arqueologia do Rio de Janeiro”, atendendo a uma demanda de tema específico dessa atividade.

A equipe de monitoria atuou na produção de material para divulgação e acompanhamento das aulas e plataformas online, e foi composta por Isabel Mesquita (à época graduanda de Arqueologia da UERJ, atuou no primeiro curso), Nayanne Medeiros (à época graduanda do curso de História da UFRJ, atuou no segundo curso), Alessandra Lima (à época graduanda de Ciências Biológicas do CEDERJ-UFRJ, segundo curso) e Matheus Vicente (à época graduando de História da UFRJ, atuou no primeiro e segundo cursos). As atividades de monitoria contribuíram para a formação profissional desses estudantes, e para sua atuação enquanto professoras e professor no futuro.

Formato

Os cursos foram oferecidos com carga horária total de 40 horas.

A carga-horária foi determinada pela grande quantidade de temas de Arqueologia que seriam abordados. Além das aulas, material textual e audiovisual foi disponibilizado como atividade integrante da carga horária total e complementar, assim como a entrega de produções textuais e avaliações por parte dos cursistas. Ao definir a carga-horária também foi deliberada a intenção da equipe em oferecer a professoras e professores um curso com horas de aula suficiente para ser usado em eventuais progressões funcionais previstas em seus planos de carreira - foi isso, inclusive, que motivou o cadastro das atividades enquanto ação de Extensão Universitária, possibilitando a emissão de certificado válido e tornando oficial a formação.

O formato dos cursos foi online. Foram oferecidas turmas síncronas, através de transmissões ao vivo das aulas, e assíncronas, com a disponibilização posterior das aulas gravadas.

As atividades síncronas foram realizadas nas plataformas Google Meet e Whereby; as aulas gravadas foram disponibilizadas na plataforma Youtube para as duas modalidades de turmas; os cursos foram organizados no ambiente virtual Google Classroom.



O formato online foi escolhido devido ao cenário de pandemia da COVID-19 em que os cursos foram planejados. A realização de turmas síncrona e assíncronas foi uma escolha voltada a contemplar uma maior diversidade de público, devido à carga-horária de trabalho de professoras e professores que eventualmente teriam dificuldade em conciliar a formação com a sala de aula. A disponibilidade de material gravado, textual e audiovisual com livre acesso nas plataformas online ampliou o alcance das atividades.

Os cursos foram estruturados da seguinte forma:

- Aulas: ao vivo para as turmas síncronas e gravadas para as assíncronas. As turmas síncronas também tinham acesso às gravações, para assistirem em horários alternativos;
- Atividades obrigatórias: material textual e audiovisual e trabalhos de produção textual feito pelos cursistas, distribuídos no decorrer dos cursos para evitar acúmulo de tarefas;
- Materiais complementares: material textual e audiovisual, também distribuídos no decorrer dos cursos;
- Apresentações de slides: slides das aulas foram disponibilizados após sua apresentação para serem utilizados como fontes futuras de informação e imagens para fins didáticos. Todo o material foi referenciado;
- Bibliografia recomendada: artigos acadêmicos de referência sobre cada tema, sugeridos após cada aula;
- Para as turmas assíncronas, cuja interação no decorrer dos cursos se dava apenas por mensagem na plataforma Google Classroom, foi realizado um encontro final online síncrono.

Conteúdos programáticos

A escolha dos conteúdos programáticos foi baseada em uma série de fatores, de acordo com propostas já publicadas em revisões anteriores sobre o assunto (AZEVEDO & SCHEEL-YBERT 2021; submetido). Selecionamos temas considerando o valor histórico da Arqueologia, seu potencial de fomentar reflexão e identificação sobre a diversidade cultural no passado e no presente, seu potencial de problematizar a construção do conhecimento, o uso da disciplina enquanto ferramenta para aprendizados colaterais, e a possibilidade de integrar saberes de múltiplas áreas do conhecimento. Também consideramos essencial apresentar temas que fomentassem a independência de professoras e professores para abordar Arqueologia em suas aulas.

Os conteúdos programáticos do curso “Arqueologia do Rio de Janeiro” foram:

- Introdução à Arqueologia Brasileira: História e diversidade de vestígios do Oiapoque ao Chuí;
- Arqueologia de Sambaquis: monumentos funerários na costa fluminense;
- Os grupos ceramistas: milhares de anos de história nas ocupações Proto-Tupi e Proto-Jê;



- Arqueologia histórica na cidade do Rio de Janeiro;
- Carvoarias históricas no Maciço da Pedra Branca: Ecologia Histórica e invisibilidade social;
- Arqueobotânica no Rio de Janeiro: vestígios de plantas que contam histórias;
- Arqueologia e Educação.

Os conteúdos programáticos do curso “Arqueologia Brasileira para professores: ciência, transdisciplinaridade e práticas de ensino” foram:

- A pesquisa arqueológica no Brasil: História, teoria, métodos e evidências;
- Arqueologia e diretrizes curriculares para educação: transdisciplinaridade no fazer científico, currículo e integração de disciplinas;
- Profundidade temporal e diversidade cultural: pesquisas de Arqueologia brasileira;
- Os primeiros habitantes: povoamento e ocupação do Brasil há milhares de anos; Arqueologia dos Sambaquis;
- Os grupos ceramistas;
- Manejo ambiental e a construção das paisagens brasileiras;
- Arqueobotânica na Arqueologia Brasileira;
- Identidade e etnicidade na perspectiva da Arqueologia;
- O pensamento Ameríndio na perspectiva da Arqueologia;
- Perspectivas para o ensino de Arqueologia e prática docente.

Nosso recorte de conteúdos certamente ficou distante de abarcar a totalidade de pesquisas da Arqueologia brasileira, mas atendeu aos objetivos propostos.

Procuramos trazer para os cursos temas que provocassem o público sobre seus passados, suas identidades e sobre a existência de versões da História e diferentes visões de mundo. Esse é um potencial que a Arqueologia tem ao apresentar informações alternativas sobre o passado, desconstruindo conhecimentos naturalizados e subvertendo verdades estabelecidas, provocando no público debate e reflexão. Nesse sentido, a escolha de conteúdos programáticos considerou como a Arqueologia pode trazer temas geradores para a Educação. Os temas geradores, segundo o conceito de Freire (2020), suscitam conexões entre a disciplina e a realidade do público, ampliando a compreensão do que se está estudando e a consciência sobre si mesmo.

Além disso, a seleção de conteúdos programáticos foi estimulada pela natureza transdisciplinar compartilhada entre a disciplina e a Educação brasileira. A transdisciplinaridade da Arqueologia integra conhecimentos e, portanto, trata-se de uma poderosa ferramenta para o ensino



escolar, atendendo justamente ao que orientam as diretrizes oficiais da BNCC sobre integração de saberes (BRASIL, 2017).

Um foco maior foi dado a temáticas relacionadas à Arqueologia indígena, por ser essa uma especialidade da equipe participante e também porque é esse o recorte dos projetos de pesquisa e extensão que os cursos integram. No caso do curso “Arqueologia do Rio de Janeiro”, dois temas de Arqueologia histórica foram incluídos por tratarem de importantes elementos para a Arqueologia regional (“Carvoarias históricas no Maciço da Pedra Branca: Ecologia Histórica e invisibilidade social” e “Arqueologia histórica na cidade do Rio de Janeiro”) e por serem relacionados a patrimônios afro-brasileiros. Consideramos que eles precisavam figurar em uma atividade que pretendia abordar temas provocadores sobre o passado e as identidades do público, e sobre a existência de Histórias alternativas.

Divulgação, inscrição e seleção de cursistas

As etapas de divulgação e inscrição para ambos os cursos foram realizadas nas redes sociais do Laboratório de Arqueobotânica e Paisagem e do Museu Nacional. Essas páginas atuam na divulgação científica e Institucional nas redes sociais, e por isso possuem amplo alcance de público entre estudantes, professoras e professores (e.g. Capucho et al, no prelo). Foi feita ainda a divulgação através do Complexo de Formação de Professores da UFRJ, em um portfólio de cursos de formação oferecido pela Universidade para professoras e professores da Educação Básica.

A inscrição se deu através do preenchimento de um formulário online, via plataforma *Google Forms*.

A seleção de cursistas para as turmas síncronas foi realizada por sorteio. Inicialmente apenas essas turmas seriam oferecidas, com previsão de 20 vagas para cada curso. Entretanto, devido à grande procura do público, às vagas das turmas síncronas foram ampliadas para 60 por curso e disponibilizamos turmas assíncronas que abarcasse a totalidade de cursistas não selecionados nos sorteios. Desse modo, todos os inscritos considerados aptos, ou seja, aqueles que integravam o público-alvo das atividades, puderam participar e ter acesso ao material.

O curso “Arqueologia do Rio de Janeiro” recebeu 485 inscrições, das quais 359 foram homologadas. Isso corresponde a quase dezoito vezes a quantidade de vagas originalmente prevista. As 125 inscrições que não foram homologadas não pertenciam ao público-alvo do curso, mas demonstraram um interesse de públicos diversos nos temas arqueológicos.



O curso “Arqueologia Brasileira para professores: ciência, transdisciplinaridade e práticas de ensino” receberam 322 inscrições, das quais 296 foram homologadas. Isso corresponde a quase quinze vezes a quantidade de vagas originalmente prevista. As 26 que não foram homologadas não pertenciam ao público-alvo do curso, e aqui também há um indicador do interesse de públicos diversos nos temas arqueológicos.

Realização

O curso “Arqueologia do Rio de Janeiro” aconteceu entre os meses de setembro e novembro de 2021. Os cursistas foram divididos em uma turma síncrona de 60 pessoas e duas turmas assíncronas somando 299 pessoas, todas do Rio de Janeiro. A divisão em duas turmas assíncronas deveu-se a limitações de número de estudantes permitidos em cada sala da plataforma *Google Classroom*. Ao final, o curso contou com 85 participantes concluintes.

As aulas do curso “Arqueologia do Rio de Janeiro” corresponderam ao conteúdo programático, num total de 07 aulas mais um encontro de encerramento. Somam-se a isso 12 atividades obrigatórias de material textual e audiovisual, sendo duas voltadas a produções textuais pelos cursistas, 17 atividades complementares de leitura de material textual e audiovisual, e 20 referências bibliográficas recomendadas.

O curso “Arqueologia Brasileira para professores: ciência, transdisciplinaridade e práticas de ensino” aconteceram entre os meses de março e maio de 2022. Os cursistas foram divididos em uma turma síncrona de 80 pessoas e duas turmas assíncronas somando 216 pessoas de diversas regiões do país. Ao final, o curso contou com 72 participantes concluintes. O curso atendeu a professoras, professores e estudantes de licenciaturas de 18 Estados e do Distrito Federal (Gráfico 1). A quantidade de cursistas por local foi, em números absolutos: Rio de Janeiro, 72; São Paulo, 23; Pará, 12; Piauí, 8; Santa Catarina, 8; Ceará, 7; Rio Grande do Sul, 7; Minas Gerais, 7; Distrito Federal, 6; Bahia, 5; Goiás, 3; Maranhão, 3; Paraná, 2; Espírito Santo, 2; Pernambuco, 2; Rio Grande do Norte, 2; Rondônia, 1; Paraíba, 1.

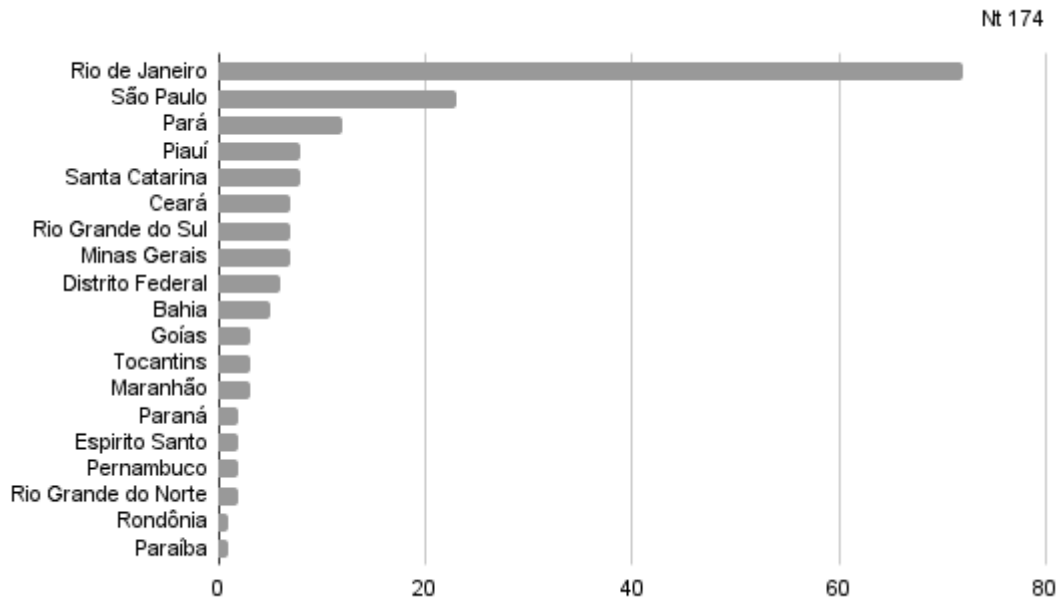


Gráfico 1- Quantidade de cursistas por Estado e Distrito Federal no curso com público de todo o Brasil, em números absolutos. O Nt 174 corresponde ao total de locais mencionados. Ele é inferior ao Nt de cursistas da atividade (296) porque nem todos responderam.

A sequência das aulas do curso “Arqueologia Brasileira para professores: ciência, transdisciplinaridade e práticas de ensino” foi organizada de forma que o conteúdo programático estivesse distribuído em 09 aulas mais um encontro de encerramento:

- A pesquisa arqueológica no Brasil e possibilidades na Educação;
- Os primeiros habitantes: povoamento e ocupação do Brasil há milhares de anos;
- Arqueologia dos Sambaquis;
- Arqueologia Amazônica;
- Os grupos ceramistas;
- Arqueobotânica na Arqueologia Brasileira;
- O pensamento Ameríndio na perspectiva da Arqueologia;
- Diversidade cultural na perspectiva da Arqueologia;
- Perspectivas para o ensino de Arqueologia e prática docente;
- Encerramento.



Somam-se a isso 11 atividades obrigatórias de material textual e audiovisual, sendo duas voltadas a produções textuais pelos cursistas, 10 atividades complementares de leitura de material textual e audiovisual, e 29 referências bibliográficas recomendadas.

Caracterização do perfil profissional do público

Coleta de dados

O recorte definido para o público-alvo dos cursos visou estabelecer o contato entre o conhecimento arqueológico e o conhecimento escolar em acordo com a técnica de grupo focal. Essa técnica pressupõe a definição de um tema – Arqueologia e ensino escolar – e um grupo – professoras e professores, profissionais e em formação –, com o objetivo de compreender o ponto de vista e o comportamento do grupo sobre o tema (VÍCTORA et al 2000).

Enquanto parte integrante de uma tese de doutorado, os cursos foram organizados para serem ferramentas de diálogo do conhecimento arqueológico acadêmico com professoras e professores, buscando nesse encontro os melhores caminhos de integração entre as áreas. Parte desse trabalho passou pela caracterização do perfil profissional de professoras, professores e estudantes de licenciaturas que possuem interesse em Arqueologia. Esperamos que essas informações contribuam para nos orientar no direcionamento de atividades de formação e produtos de ensino no futuro.

Para tanto, junto do formulário de inscrição de ambos os cursos foi disponibilizado um questionário para traçar o perfil profissional do público. Esse questionário era de preenchimento facultativo, com indicação de autorização de uso e contendo a informação de se tratar de um projeto de pesquisa sobre Arqueologia e Educação. Ele possuía perguntas direcionadas a todos cursistas, mas em alguns casos utilizamos apenas as respostas de um ou outro grupo, como justificado abaixo.

Perguntas do questionário de caracterização de público:

1. “Em qual público-alvo você se encaixa?”

Resposta de múltipla escolha, com alternativas indicando o tipo de público-alvo. Se aplica a todos os cursistas.

2. “Você possui conhecimentos prévios em Arqueologia?”

Resposta de múltipla escolha, indicando nível de conhecimento. Se aplica a todos os cursistas.

3. “Se sua resposta foi sim, como adquiriu esses conhecimentos?”

Resposta de campo de texto livre. Se aplica a todos os cursistas.

4. “Nos informes os temas de Arqueologia que você conhece”



Resposta de campo de texto livre. Se aplica a todos os cursistas.

5. “Qual a sua formação no momento?”

Resposta de múltipla escolha, com alternativas indicando o nível de formação. Se aplica apenas para cursistas professoras e professores.

6. “Em qual/quais rede(s) de ensino você leciona?”

Resposta de múltipla escolha, indicando rede de ensino. Se aplica apenas para cursistas professoras e professores.

7. “Sobre qual/quais componente(s) curricular(es) você leciona?”

Resposta de múltipla escolha indicando componente curricular, e opção de texto livre opcional. Se aplica apenas para cursistas professoras e professores.

8. “Qual a sua área de formação na graduação?”

Resposta de campo de texto livre. Utilizamos os dados dessa pergunta apenas para cursistas estudantes, como forma de complementar a informação da pergunta 07 e mapear os componentes curriculares com maior potencial de interesse na Arqueologia. Para professoras e professores, consideramos o teor da pergunta 07 mais apropriado que a 08, tendo em vista que no percurso de suas carreiras esses profissionais podem especializar-se e atuar em componentes distintos de sua graduação.

9. “Ano das turmas em que leciona”

Resposta de múltipla escolha indicando ano escolar. Se aplica apenas para cursistas professoras e professores.

10. “Você utiliza temas de Arqueologia em suas práticas de ensino?”

Resposta de múltipla escolha indicando sim ou não. Se aplica apenas para cursistas professoras e professores.

11. “Quais temas?”

Resposta de campo de texto livre. Se aplica apenas para cursistas professoras e professores.

Com o intuito de caracterizar um perfil geral de professoras, professores e estudantes de licenciatura interessados na interface da Arqueologia com a Educação, quantificamos de forma unificada os dados referentes aos dois cursos realizados. Assim, contamos com uma amostragem total de 655 cursistas, sendo 347 estudantes de licenciatura e 308 professoras ou professores. Há casos de questões em que o número de cursistas participantes foi inferior aos totais de cada grupo, já que o questionário era de preenchimento facultativo. Quando isso aconteceu, foi indicado nas legendas dos gráficos. Há também casos em que o número de respostas foi superior a esses totais,



por se tratar de situações em que cada cursista respondente pôde marcar mais de uma alternativa, o que foi indicado nas legendas da mesma forma.

Resultados

A participação de cursistas professoras e professores correspondeu a 47% do total, e a de cursistas estudantes a 53% (pergunta 1, Gráfico 2).

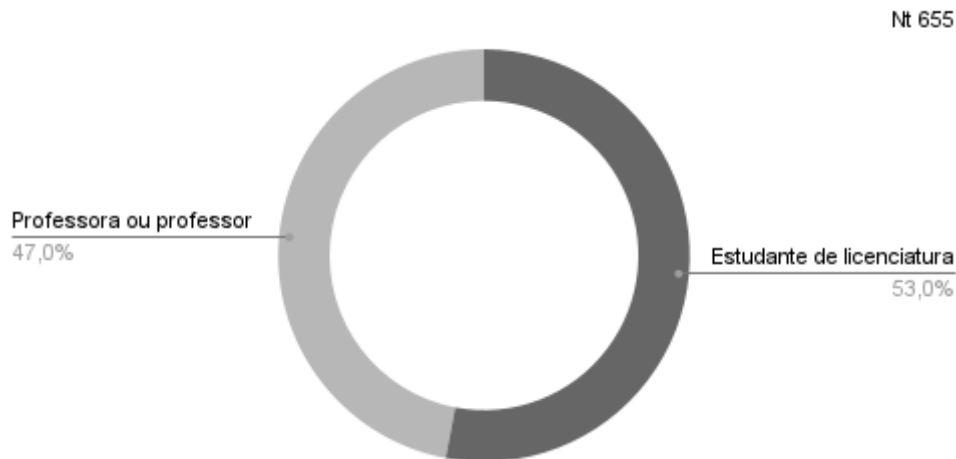


Gráfico 2 - Situação de cursistas. O Nt 655 corresponde ao total de cursistas.

Considerando os dois grupos, as respostas sobre a existência de conhecimentos prévios em Arqueologia foram 5,9% de respostas para “Sim, muito” e 46% para “Sim, pouco”, somando 51,9% de respostas positivas contra 48,1% para “Não” (pergunta 2, Gráfico 3).

Dentre os que possuíam conhecimentos prévios, 32% os adquiriram no Ensino Superior, 27,2% por interesse pessoal, 20,5% em cursos e Extensão Universitária, 11,2% em atividades de Educação Patrimonial, 6,3% no Ensino Básico e 1,9% atuando em trabalhos de Arqueologia (pergunta 3, Gráfico 4).

Os conhecimentos prévios em Arqueologia relatados distribuíram-se em temáticas indígenas, com 36,1%, teoria e método, com 30%, Antiguidade Clássica, com 15,5%, Arqueologia histórica, com 14,5%, e outras temáticas agrupadas em 3,9% (pergunta 4, Gráfico 5).

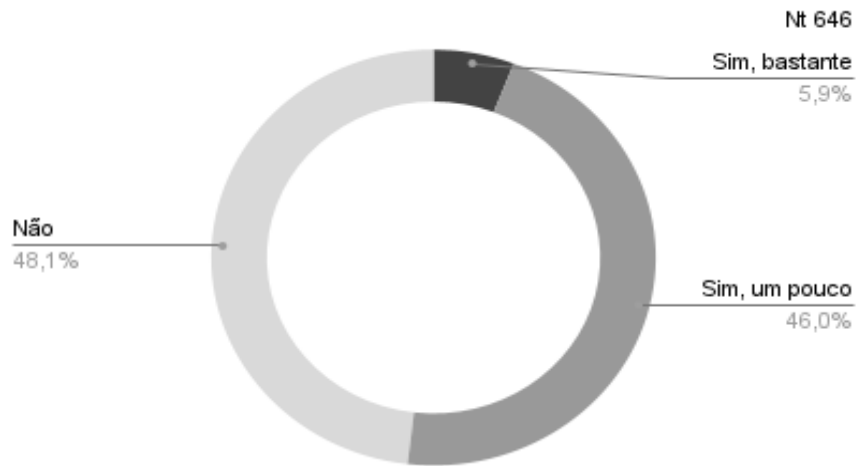


Gráfico 3 - Conhecimento prévio de cursistas sobre Arqueologia. O Nt 646 corresponde ao total de cursistas.

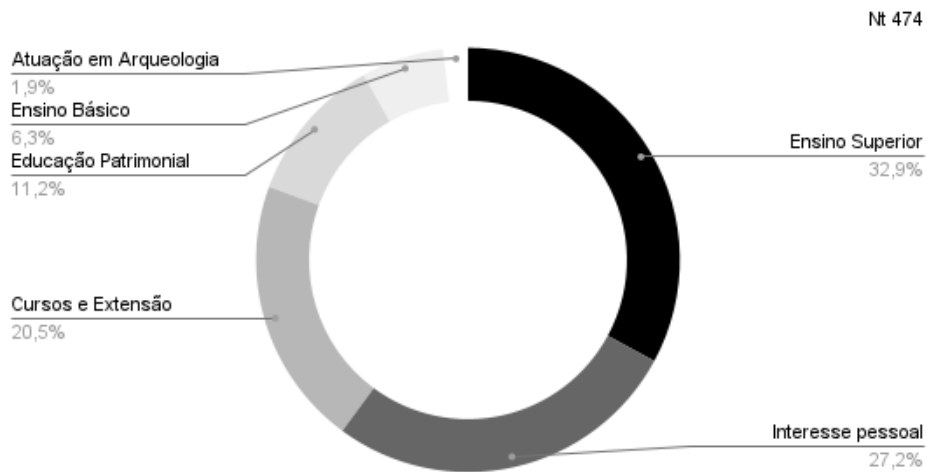


Gráfico 4 - Formas de acesso a conhecimento prévios de Arqueologia. O Nt 474 corresponde ao total de formas de acesso mencionadas. O número é inferior ao Nt de cursistas (655) porque nem todos responderam.

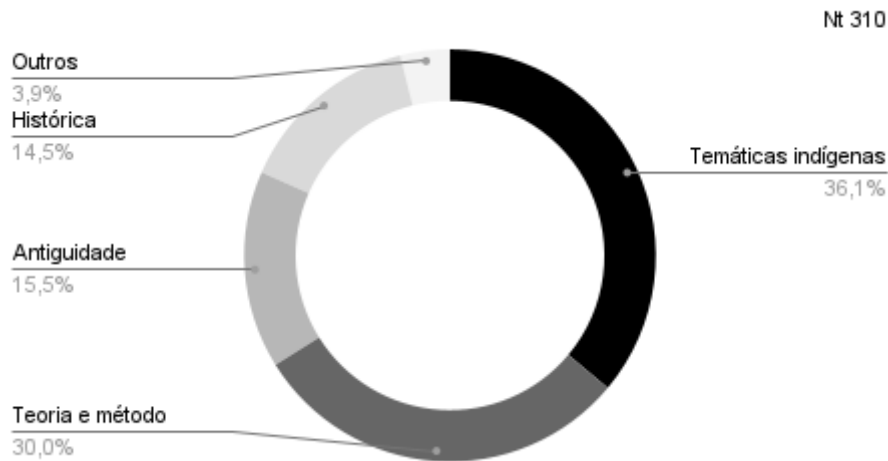


Gráfico 5 - Concentração de cursistas por temáticas gerais de conhecimentos prévios em Arqueologia. O Nt 310 corresponde ao total de temáticas mencionadas. O número é inferior ao Nt de cursistas (655) porque nem todos responderam.

Para o grupo de cursistas professoras e professores, procuramos detalhar sua formação e atuação profissional.

No momento do curso o nível de formação acadêmica desse público distribuía-se em: Graduação, 24,7%; Especialização em andamento, 14%; Especialização, 27,1%; Mestrado em andamento, 9,4%; Mestrado, 12,4%; Doutorado em andamento, 6%; Doutorado, 6,4% (pergunta 5, Gráfico 6).

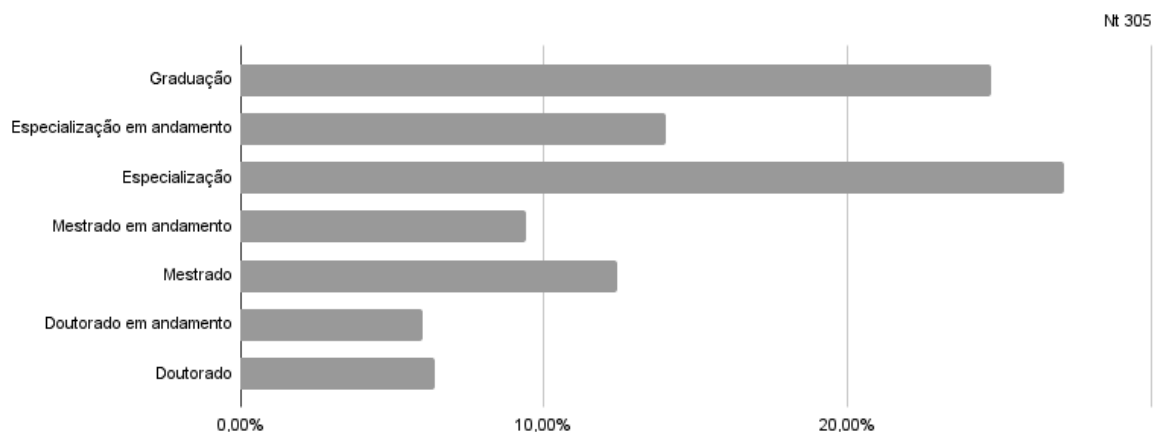


Gráfico 6 - Concentração de cursistas professoras e professores por nível mais alto de formação no momento dos cursos. O Nt 305 corresponde ao total de respostas. O número é inferior ao Nt de cursistas professoras e professores (308) porque nem todos responderam.



Quanto à rede de ensino em que lecionam, 22,65% das respostas indicaram Pública Municipal, 22,65% Pública Estadual, 3,2% Pública Federal e 21,7% Privada. As redes públicas somam 48,5% dos cursistas. Há também uma parcela significativa de cursistas que, mesmo professoras e professores formados, não leciona, com 29,8% das respostas (pergunta 6, Gráficos 7 e 8).

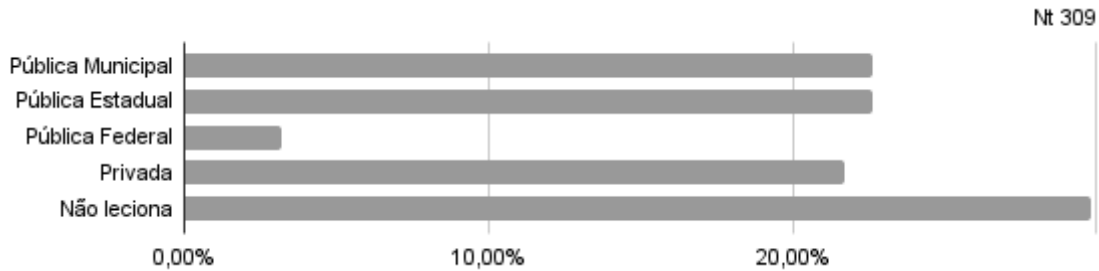


Gráfico 7 - Concentração de cursistas professoras e professores por rede de ensino. O Nt 309 corresponde ao total de cursistas professoras e professores.

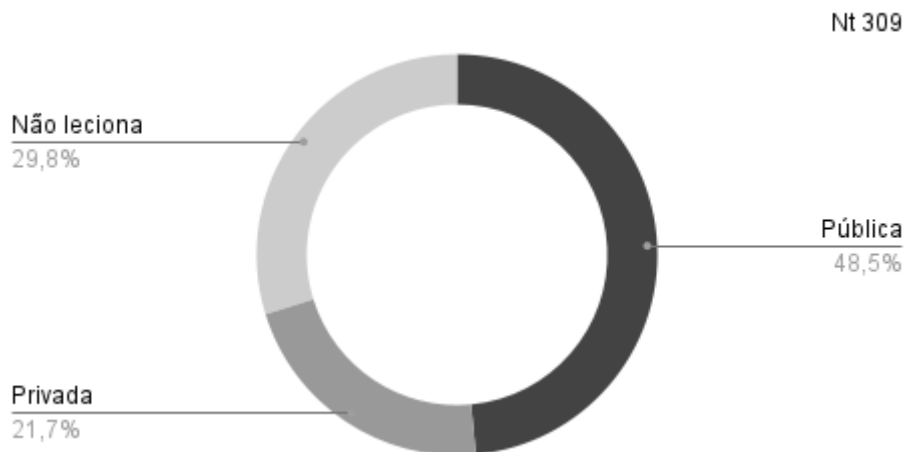


Gráfico 8 - Concentração de cursistas professoras e professores por rede de ensino pública e privada, e aqueles que não lecionam. O Nt 309 corresponde ao total de cursistas professoras e professores. Pública, 48,5%; Privada, 21,7%; Não leciona, 29,8%.

A distribuição de cursistas por componentes curriculares se deu da seguinte forma: História, 37,5%; Geografia, 9,9%; Ciências, 8,7%; Biologia, 7,7%; Artes, 5,6%; Sociologia, 5,4%; Português, 4,3%; Filosofia, 3,6%; Matemática, 2,8%; Ensino Religioso, 2,5%; Inglês, 2%; Física, 1,8%; Química, 1,5%; Educação Física, 1,3%; Anos iniciais do Ensino Fundamental, 1%; Espanhol, 0,5%; Teatro, 0,3%; e outros, 3,6% (pergunta 7, Gráfico 9). Quanto aos estudantes de licenciaturas, que ainda não lecionam e, portanto, não podem ser associados a um componente curricular específico, distribuíram-se nas seguintes graduações: História, 47,6%; Ciências Biológicas, 20,7; Geografia,



14,8; Pedagogia, 8,5; Ciências Humanas e Sociais, 3,3%; Artes, 2,1; Letras, 1,5; Química, 0,9%; Teatro, 0,3%; Filosofia, 0,3% (pergunta 8, Gráfico 10).

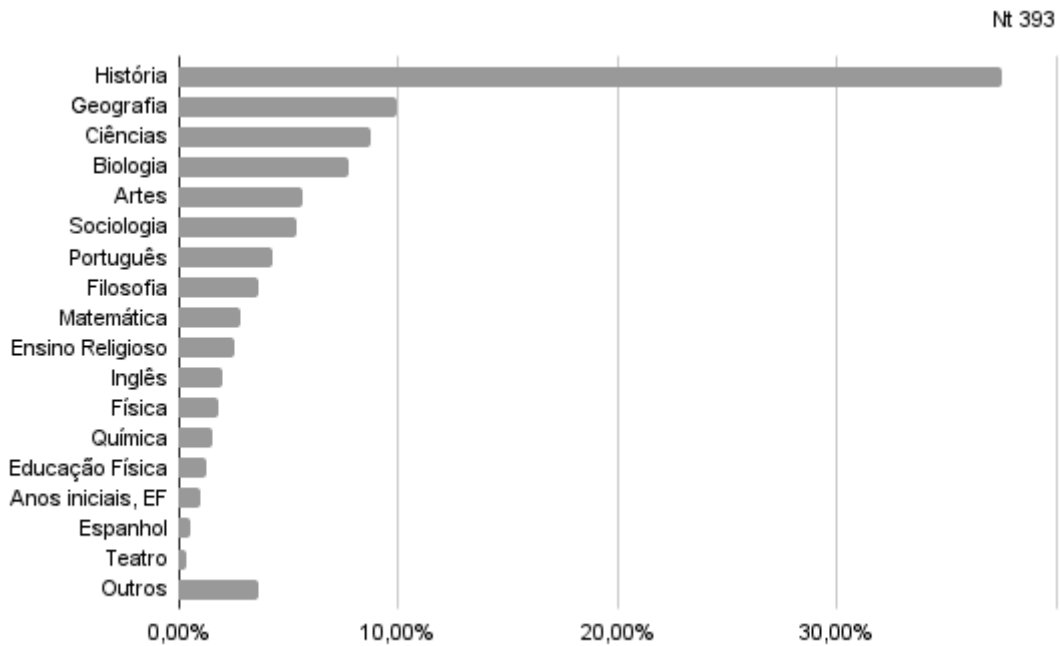


Gráfico 9 - Concentração de cursistas professoras e professores por componente curricular em que lecionam. O Nt 393 corresponde ao total de componentes mencionados. O número difere do Nt de cursistas professoras e professores (308) porque nem todos responderam e alguns lecionam em mais de um componente.

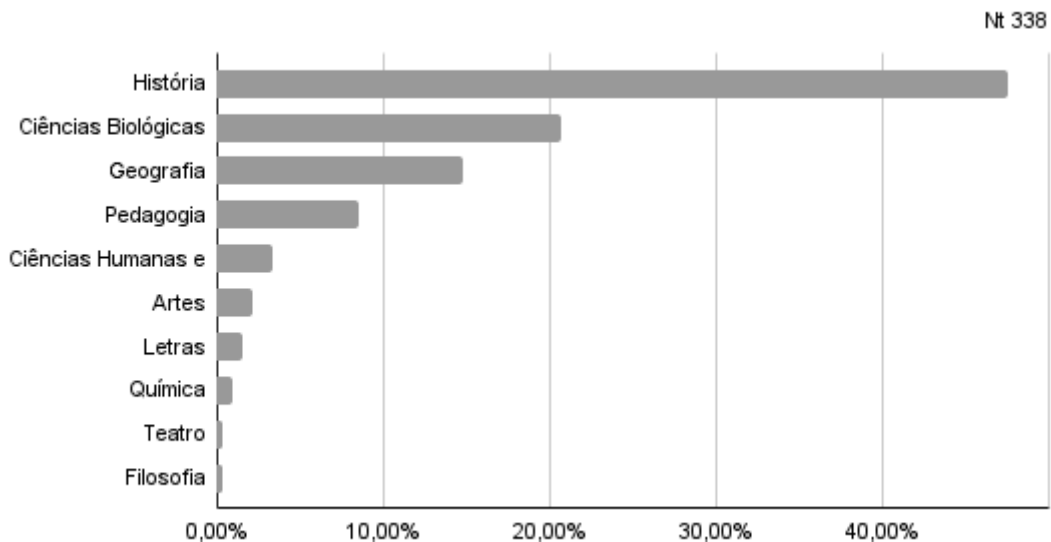


Gráfico 10 - Concentração de cursistas estudantes por área de formação em andamento. O Nt 338 corresponde ao total de áreas mencionadas. O número difere do Nt de cursistas estudantes (347) porque nem todos responderam.



A distribuição de cursistas professoras e professores por ano em que lecionam foi de 1,6% no 1º ano do EF, 1,5% no 2º ano do EF, 1,7% no 3º ano do EF, 2% no 4º ano do EF, 2,9% no 5º ano do EF, 12,6% no 6º ano do EF, 13,5% no 7º ano do EF, 13,6% no 8º ano do EF, 13,5% no 9º ano do EF, 12,6% no 1º ano do EM, 12,3% no 2º ano do EM e 12,2% no 3º ano do EM (pergunta 9, Gráfico 11). Agrupando esses dados por conjuntos de anos escolares temos uma distribuição de 9,7% de cursistas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, 53,2% nos anos finais do Ensino Fundamental e 37,1% no Ensino Médio (pergunta 9, Gráfico 12).

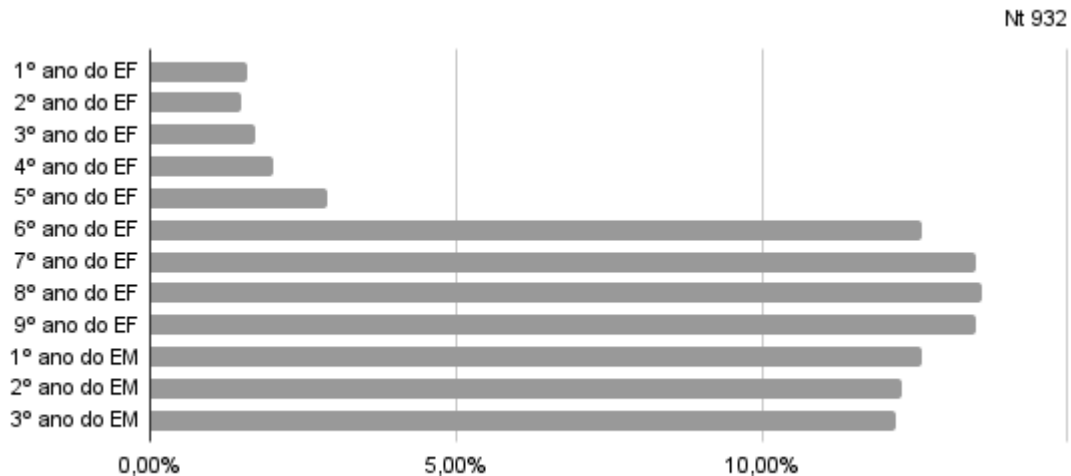


Gráfico 11 - Distribuição de cursistas professoras e professores por ano escolar em que lecionam. O Nt 932 corresponde ao total de anos mencionados. O número difere do Nt de cursistas professoras e professores (308) porque nem todos responderam e alguns lecionam em mais de um grau.

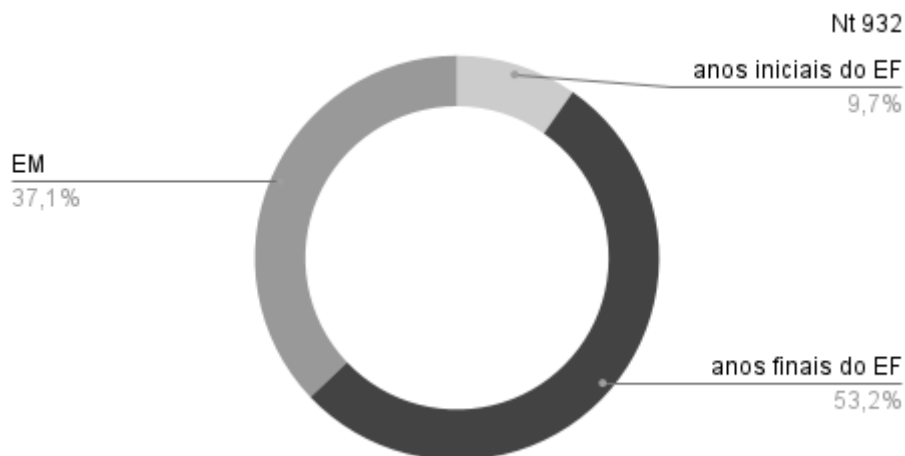


Gráfico 12 - Distribuição de cursistas professoras e professores por conjunto de anos escolares em que lecionam, divididos em Anos iniciais do Ensino Fundamental, Anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. O Nt 932 corresponde ao total de anos mencionados. O número difere do Nt de cursistas



professoras e professores (308) porque nem todos responderam e alguns lecionam em mais de um grau.
Anos iniciais do EF, 9,7%; Anos finais do EF, 53,2%; EM, 37,1%

A utilização de temas de Arqueologia em sala de aula por cursistas professoras e professores foi indicada como já sendo realizada por 61,6% das respostas, e como não sendo realizada por 38,4% (pergunta 10, Gráfico 13). Cabe destacar que essa parte do questionário teve uma participação menor de cursistas que as anteriores, sem motivo identificado. Dentre o grupo que já utilizava Arqueologia em suas aulas, os temas predominantes foram: 37,2% das respostas indicando temáticas indígenas, 13,8% teoria e método, 13,1% Arqueologia Histórica, 11% Arqueologia regional, 11,7% patrimônio, identidade e memória, 8,4% Antiguidade Clássica e 4,8% outros temas (pergunta 11, Gráfico 14).

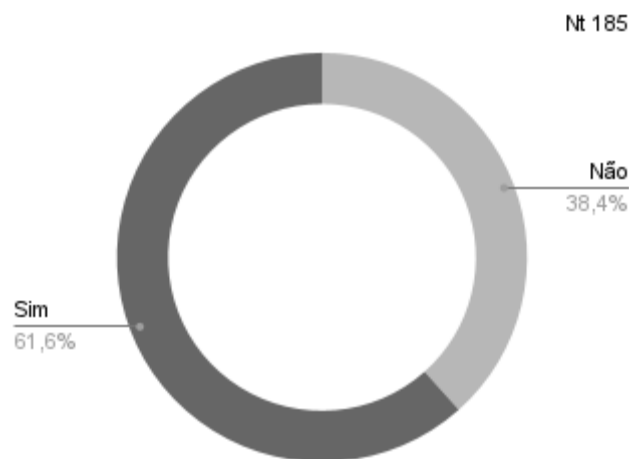


Gráfico 13 - Quantidade de cursistas professoras e professores que utilizam e não utilizam temas de Arqueologia em sala de aula. O Nt 185 corresponde ao total de respostas recebidas. O número é inferior ao Nt de cursistas professoras e professores (308) porque nem todos responderam.

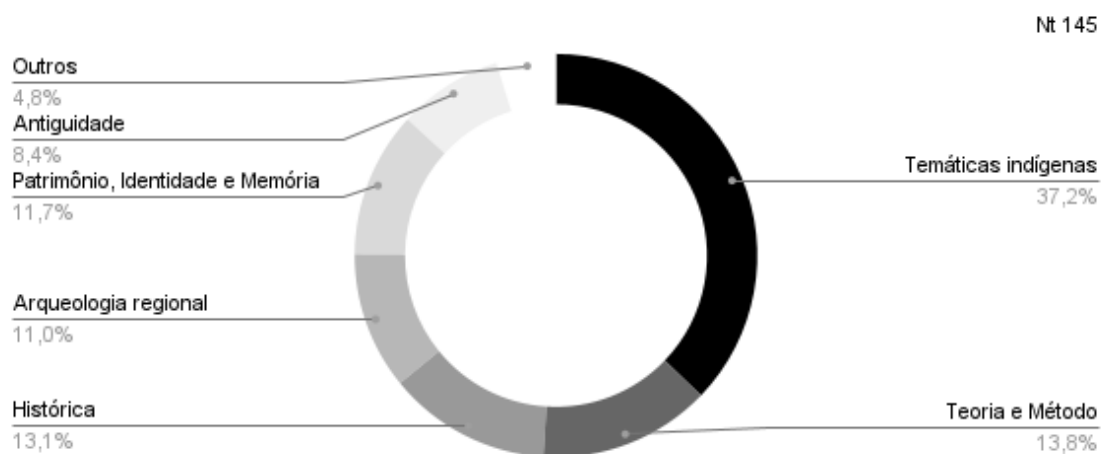




Gráfico 14 - Concentração de cursistas professoras e professores por temáticas gerais de conhecimentos de Arqueologia que utilizam em sala de aula. O Nt 145 corresponde ao total de temáticas mencionadas. O número é inferior ao Nt de cursistas professoras e professores (308) porque nem todos responderam.

Caracterização do perfil

As respostas demonstraram um equilíbrio na participação de professoras e professores, e estudantes de licenciatura nas atividades, com uma pequena maioria de estudantes (Gráfico 2). Isso evidencia a horizontalidade do interesse em Arqueologia entre educadores e educadoras em diferentes etapas de sua vida profissional, e é um indicativo de que atividades de formação em Arqueologia para esse público podem ser oferecidas em qualquer momento de sua carreira. Essa interpretação foi ainda corroborada pelo nível de formação acadêmica de cursistas professoras e professores no momento de realização dos cursos, com cursistas que possuíam títulos de graduação completa, especialização, mestrado e doutorado, e outros com especialização, mestrado e doutorado em andamento (Gráfico 6).

Também foi identificado um equilíbrio na quantidade de cursistas desses dois grupos que possuíam ou não conhecimentos prévios em Arqueologia, com um leve predomínio para aqueles que possuíam, mesmo que pouco (Gráfico 3). E a forma de aquisição desses conhecimentos indicou a importância do Ensino Superior, da Extensão Universitária, da formação continuada, e do interesse pessoal nesse processo (Gráfico 4). Foram nessas formas de ensino e divulgação científica que prevaleceram as respostas sobre a aquisição de conhecimentos prévios. Cabe destacar que a Educação patrimonial e o Ensino Básico também foram mencionados (Gráfico 4). Esse é um dado relevante principalmente por se tratar de uma resposta com campo de texto livre, de forma que os cursistas foram instigados a rememorar as situações em que adquiriram os conhecimentos de Arqueologia de que já dispunham. E, também porque enumera possibilidades de modalidades de ações futuras da Arqueologia para levar o conhecimento que produz até esse público.

O detalhamento de quais conhecimentos prévios possuíam também foi informado pelos cursistas por meio de um campo de texto livre. Foi necessário agrupar as respostas em categorias gerais (Gráfico 5). Elas revelaram uma significativa predominância das categorias “temáticas indígenas” e “teoria e método”. Em “temáticas indígenas” foram mencionadas termos como Sambaquis, Amazônia, Guaranis, Jê, pintura rupestre, material lítico, cerâmica, passado indígena em outros países americanos e etc. Em “teoria e método”, termos relacionados a Arqueobotânica, Bioarqueologia, Zooarqueologia, Etnoarqueologia, Arqueologia Subaquática, técnicas de escavação, correntes teóricas, patrimônio e conservação e etc. Em terceiro lugar ficou a categoria



“Antiguidade Clássica”, com temas de Egito Antigo, Oriente Próximo, Arqueologia Romana, Arqueologia Grega e etc. Em quarto, a categoria “Arqueologia histórica”, mencionando diáspora africana, período colonial, Arqueologia das cidades e etc. E por último temos um agrupamento de outras temáticas, na categoria “outros”, incluindo temas de Paleolítico europeu, Arqueologia medieval, Arqueologia africana etc.

Quanto à rede em que lecionavam os cursistas professoras e professores, há um predomínio de profissionais das redes públicas em relação à privada (Gráficos 7 e 8). Principalmente nas redes municipais e estaduais, e menos na federal (Gráfico 7). Essa distribuição desigual entre as redes públicas foi atribuída à proporção de escolas e profissionais existentes em cada uma delas. A quantidade de cursistas oriundos da rede privada de ensino, entretanto, também foi significativa, e se aproxima à das redes municipais e estaduais se comparada com cada uma delas separadamente (Gráfico 7). Esse é um indicativo de que há demanda por temáticas de Arqueologia em todas as redes de ensino, apesar das diferenças que elas possuem no Brasil.

A distribuição de cursistas por componentes curriculares em que lecionam demonstrou o interesse de profissionais de diversas áreas do conhecimento em Arqueologia (Gráfico 9): História, Geografia, Ciências, Biologia, Artes, Sociologia, Português, Filosofia, Matemática, Ensino Religioso, Inglês, Física, Química, Educação Física, Anos iniciais do Ensino Fundamental, Espanhol e Teatro. Além desses, foram mencionados em um campo de texto livre outros componentes, como noções de turismo no Ensino Fundamental e Ensino Médio, apoio especializado, educação ambiental, projeto de vida no Ensino Médio, estudos amazônicos, pensamento indígena e afro-brasileiro, educação digital, estudos interdisciplinares do Rio de Janeiro, multiculturalismo e educação patrimonial. Para complementar a informação sobre diversidade de áreas do conhecimento cujos profissionais demonstraram interesse em Arqueologia consideramos ainda a área de formação em andamento de cursistas estudantes de licenciatura (Gráfico 10): História, Ciências Biológicas, Geografia, Pedagogia, Ciências Humanas e Sociais, Artes, Letras, Química, Teatro e Filosofia.

A conjunção dos dados de áreas do conhecimento dos dois grupos demonstrou a prevalência das áreas de História, Ciências e Ciências Biológicas e Geografia. Mas além delas, diversos outros componentes curriculares e áreas de formação foram mencionados: mais 23 componentes curriculares e 7 áreas de formação. Isso demonstra a amplitude do campo de ação transdisciplinar da Arqueologia, e como essa característica é reconhecida entre professoras, professores e estudantes de licenciaturas em seu potencial de ser utilizado em aulas de diferentes componentes curriculares. Nesse quesito cabe ressaltar a capacidade da disciplina em integrar



conhecimentos de múltiplas áreas no ambiente escolar, participando de projetos colaborativos entre componentes curriculares distintos.

A distribuição de cursistas professoras e professores por ano em que lecionam cobriu todos os anos do Ensino Fundamental e Médio (Gráficos 11 e 12). A distribuição não foi uniforme, e demonstrou um predomínio de interesse entre profissionais atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, a partir do 6º ano do Ensino Fundamental (Gráfico 12). Mesmo assim, trata-se de um espectro bastante amplo nas etapas de ensino e aprendizado. Isso é um indicativo de que as temáticas da Arqueologia despertam interesse em professoras e professores que trabalham com estudantes de diferentes idades e etapas de formação, e também de que a Arqueologia é vista por esses profissionais como uma potencial ferramenta didática para públicos da maior parte dos anos do ensino escolar.

O levantamento sobre a quantidade de cursistas que já utilizava temas de Arqueologia em suas aulas recebeu significativamente menos respostas que as perguntas anteriores (Gráfico 13). Frente à desproporcionalidade entre o número total de cursistas e as respostas recebidas, e à significativa quantidade de negativas, avaliamos que apenas um pequeno grupo de professoras e professores já utilizava Arqueologia em suas aulas. Isso é compreensível, tendo em vista que o público dos cursos buscou participar dessas atividades justamente para ampliar seus conhecimentos e possibilidades de ensino com a Arqueologia. Para as respostas negativas, as justificativas mencionaram falta de conhecimento, formação, disponibilidade de materiais e escassez das temáticas arqueológicas nos livros didáticos – questão que vem sendo vagarosamente superada nas publicações mais recentes, como apontado pelo público.

No pequeno grupo que já utilizava Arqueologia em suas aulas (Gráfico 14), os temas predominantes foram relacionados a temáticas indígenas. Também foram mencionados temas relacionados à teoria e método, Arqueologia Histórica, Arqueologia regional, patrimônio, identidade e memória, Antiguidade Clássica, entre outros.

Esses temas foram informados em um campo de texto livre, e foram agrupadas em categorias gerais da mesma forma que no detalhamento da existência de conhecimentos prévios dos cursistas: As categorias “temáticas indígenas”, “teoria e método”, “Arqueologia Histórica”, “Antiguidade Clássica” e “outros” utilizaram os mesmos critérios detalhados nos conhecimentos prévios. A categoria “patrimônio, identidade e memória” refere-se especificamente a respostas que utilizaram esses termos. A categoria “Arqueologia regional” refere-se a menções ao uso de contextos arqueológicos das localidades em que os cursistas lecionam.



Cabe destacar que a prevalência de temáticas indígenas, a utilização dos termos patrimônio, identidade, memória e que a abordagem de contextos arqueológicos locais revela uma consciência dessas professoras e professores acerca do potencial da Arqueologia em contribuir com os objetivos da Educação brasileira no que toca ao fortalecimento e valorização da diversidade de histórias e identidades dos estudantes, explorando questões culturais e identitárias próprias de seus contextos.

Considerações finais

Desde as etapas de planejamento até sua realização, os cursos relatados nesse artigo foram pensados para explorar os pontos de encontro entre Arqueologia e Educação no Brasil. Foram consideradas as especificidades das áreas e de seus profissionais, e apresentados conteúdos programáticos que propiciassem reflexão e integração de saberes. Também foram organizados para fomentar a independência na aplicação de temas arqueológicos por professoras e professores em sala de aula.

Os cursos realizados nos permitiram mapear um perfil de público de profissionais da educação com interesse em Arqueologia. Em termos gerais, esse grupo é composto por professoras, professores e estudantes de licenciatura com uma distribuição plural de etapas de instrução profissional e carreira, com interesses, formação e atuação em uma gama diversa de áreas do conhecimento. Além disso, lecionam em todas as redes de ensino do país, no Ensino Fundamental e Médio. Esse público possui acesso restrito à Arqueologia, mas um interesse genuíno em buscar informações sobre a área, e reconhecem na disciplina um grande potencial de contribuição para o ensino escolar.

Os cursos apresentaram resultados muito positivos, tanto para o público, como para a academia. Cabe ressaltar que, em termos quantitativos, as atividades atingiram mais de quinze vezes o público originalmente previsto. E além disso, abriram um espaço de diálogo que contribuirá para orientar a Arqueologia em seus esforços de se aproximar do ensino escolar.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Marcia Bezerra de; O australopiteco corcunda: as crianças e a arqueologia em um projeto de arqueologia pública na escola. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2002;



AZEVEDO, Leonardo Waisman de; SCHEEL-YBERT, Rita. Histórias em diálogo no ensino escolar: contribuições possíveis da arqueologia brasileira. *Revista Arqueologia Pública*, v. 16, n. 2, p. 140-158, 2021;

AZEVEDO, Leonardo Waisman de; SCHEEL-YBERT, Rita. Formação de professoras e professores em Arqueologia: relato de experiências e possibilidades para a disciplina. Submetido para a *Revista de Arqueologia*;

AZEVEDO, Leonardo Waisman de; SCHEEL-YBERT, Rita.; CAPUCHO, Tais Cristina Jacinto Pinheiro; PATZLAFF, Rubia Graciele. Curso de extensão “Arqueologia do Rio de Janeiro”. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021;

AZEVEDO, Leonardo Waisman de; SCHEEL-YBERT, Rita.; CAPUCHO, Tais Cristina Jacinto Pinheiro; PATZLAFF, Rubia Graciele. Curso de extensão “Arqueologia Brasileira para professores: ciência, transdisciplinaridade e práticas de ensino”. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022;

BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de Dezembro de 1996;

BRASIL. Lei no 11.645, de 10 de Março de 2008;

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017;

CAPUCHO, Taís Cristina Jacinto Pinheiro; AZEVEDO, Leonardo Waisman de; PATZLAFF, Rúbia Graciele; MEDEIROS, Nyanne Fernanda Monteiro de; BARBOSA, Vitória Luyza Cardoso; ANDRADE, Vitória da Silva Davi; TUTUNJI, Nadine Machado; LOPES, Nadine Machado; LOPES, Bruna dos Santos Gomes; VOTRE, Giovana Cadorin; NASCIMENTO, Thaylane Cardoso do; LIMA, Mayara Rosa Martins; LIMA, Alessandra Meireles de; VICENTE, Matheus Alexssander Dias; MUZITANO, Alessandra Santos; ALMEIRA, Ana Beatriz Maximo; PENELIS, Julia Vieira; PETRUNGARO, Gabriela Fernandes; SCHEEL-YBERT, Rita. O projeto de extensão “Arqueologia Viva: passado, presente e futuro no Museu Nacional”. In SCHEEL-YBERT, Rita et al. (org.) *Vinte Anos de Arqueobotânica no Brasil: Uma disciplina em ascensão*. No prelo;

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 73. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020;

LIMA, Tania Andrade; DA SILVA, Regina Coeli Pinheiro. 1898–1998: a pré-história brasileira em cem anos de livros didáticos. *Fronteiras*, v. 3, n. 6, p. 91-134, 1999;

SOARES, André Luís Ramos; PERIUS, Eduardo; AREND, Jéssica Fernanda. A arqueologia nos livros didáticos. *Revista Latino-Americana de História*, v. 2, n. 6, p. 520-531, 2013;

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. A pré-história brasileira no livro didático. In: TENÓRIO, Maria Cristina; FRANCO, Teresa Cristina. *Seminário para Implantação da Temática Pré-História Brasileira no Ensino de 1º, 2º e 3º graus*. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 1994, p.14-20;

VASCONCELLOS, Camilo de Mello; ALONSO, Ana Carla; LUSTOSA, Paulo Rodrigues. A abordagem do período pré-colonial brasileiro nos livros didáticos do ensino fundamental. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 10, p. 231-238, 2000;

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. *Pesquisa qualitativa em saúde: Uma introdução ao tema*. 1. ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

